

Concordância verbal e variantes de 3.^a pessoa do plural em PE: Resultados preliminares de um estudo sociolinguístico com base numa amostra de Português Falado no Funchal

Aline Maria Bazenga

Abstract

The aim of this paper is to study the subject-verb agreement variation in one of the varieties of the European Portuguese, taking into account previous proposals/accounts for other varieties of Portuguese. Part of the research project "Study of Concordance Patterns in African, Brazilian and European Varieties of Portuguese" ¹, the present study is focused on the verbal agreement, considering the third person of the plural (or P6) in the co-presence of an overt plural subject, required in standard variety. This work is based on a corpus of spoken data collected in Funchal, the capital city of Madeira Island (Portugal), and follows the theoretical principles of the sociolinguistics approach of linguistic variation, which correlate linguistic and social factors to explain the cases of non-standard verbal agreement. For data analysis, the program Goldvarb2001 ² is used as a quantitative methodology tool of variationist sociolinguistics. The results may provide more data for the discussions about the variable subject-verb agreement phenomena of the varieties of Portuguese.

Keywords: subject-verb agreement, variation, variationist sociolinguistics, variety of spoken European Portuguese (PE)

1. Introdução

A regra de concordância sujeito-verbo (flexionado) na variedade *standard* do Português Europeu (PE) traduz-se pela co-variação de marcas morfológicas nestes dois constituintes. Assim, a um constituinte SN-sujeito no plural deve corresponder, segundo a regra, a marcação morfológica da categoria pessoa/número no constituinte verbal. Atendendo aos exemplos em (1), retirados de Peres & Mória (1996: 451):

- (1) a. Os tigres_{SNpl} estão_{P6} à beira da extinção.
b. *Os tigres_{SNpl} está_{P3} à beira da extinção.

1. Projecto desenvolvido em parceria, envolvendo uma equipa de investigadores do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ - Brasil) e do Grupo Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL - Unidade I&D - FCT - Portugal). In: CLUL: Study of Concordance Patterns in African, Brazilian and European Varieties of Portuguese.

2. O nosso agradecimento a Juliana Segadas Vianna, doutoranda da UFRJ (Brasil), por todo o apoio prestado na implementação da metodologia variacionista, nomeadamente no tratamento estatístico dos dados com o recurso do Programa Goldvarb2001.

É possível observar em (1a), a realização de marcação explícita de terceira pessoa do plural (ou P6) no verbo, em conformidade com o constituinte sujeito no plural. Tal significa o respeito pelo cumprimento da concordância verbal. O mesmo não acontece em (1b), onde o verbo não concorda com o seu sujeito, apresentando-se na terceira pessoa do singular (ou P3).

A investigação desenvolvida no contexto das variedades do português do Brasil (PB) desde os anos setenta (Paiva & Scherre 1999), com base em corpora de fala e de escrita, e numa abordagem sociolinguística quantitativa, tem mostrado que os exemplos referidos em (1) constituem, em algumas das variedades do PB, duas variantes em competição da variável concordância sujeito-verbo: variante P6 *standard*, em (1a) e variante zero de plural (P3) *não-standard*, ou ausência de concordância verbal, em (1b). Concorrem para esta variação estrutural vários factores, linguísticos e extra-linguísticos ou sociais, em articulação com mudanças operadas em diferentes domínios da gramática. A saber:

redução do paradigma dos pronomes, redução da diferenciação das formas verbais, perda do sujeito nulo, perda dos pronomes acusativos / aumento da frequência de ocorrência de objecto nulo, proeminência dos nominativos, que passam a assegurar outros casos [...]. (Mota & Vieira 2008: 89)

Nas variedades do PE, embora os estudos de natureza variacionista sejam mais escassos, os resultados de investigação disponíveis parecem indicar tendências distintas das já comprovadas para o PB. Para além do facto da produtividade da concordância verbal, tal que em (1a), ser mais acentuada em PE, mesmo nas suas variedades *não-standard* (Mota & Vieira 2008), a investigação realizada no âmbito da modalidade escrita por Peres & Móia (1996) aponta para a ocorrência de variação em alguns contextos, mais restritivos que no PB. No que respeita a linguística formal, Costa (2001) e Costa e Figueiredo (2006) limitam o domínio da variação aos contextos em que o constituinte sujeito se encontra em posição pós-verbal e apenas em situações de fala informal. A partir de dados dialectais do PE, Carrilho (2003), Varejão (2006) e Scherre & Naro (2000, 2001) Naro & Scherre (2007) não só confirmam a relevância da posição do constituinte sujeito, relacionada ou não com o tipo de verbo, como referem também a distância em relação ao verbo deste constituinte, enquanto contextos propiciadores de não-concordância verbal. Por outro lado, Scherre & Naro (1998a) observam que a realização variável da concordância verbal é um fenómeno já atestado em português antigo (séculos XIII-XV), condicionado pelo traço [humano] do núcleo de um SN-sujeito.

Em (2), são fornecidos exemplos (Carrilho (2003:21), no âmbito do CORDIAL-SIN³), que ilustram a não concordância verbal em contextos de sujeito pós-verbal, em construções *inacusativas*:

3. Projecto CORDIAL-SIN/ CLUL-Variação.

- (2) a. *Há, porque uma pessoa às vezes vai à sardinha, [...] vai à sardinha com as peças, com aquelas redes, ainda vem algumas.* (VPA53)9
 b. *Veio aqui [...] umas máquinas por conta do governo* (PST07)
 c. *Há aqui um regato, conforme vai estes ribeirozitos* (PFT42)
 d. *Nunca mais apareceu esses cardumes aqui [...] desse peixe.* (VPA53)
 e. *Aqui há anos, nascia aqueles pezinhos de erva aí nos buracos, nas correntes de água, entre meio das silvas, às vezes por baixo de uma figueira.* (PAL01)

Para além dos factores já referidos, Varejão (2006), Scherre & Naro (2000) e Naro & Scherre (2007) destacam ainda a existência, em variedades populares do PE, de condicionamentos fonéticos já testados no PB, e relacionados com contrastes de maior ou menor *saliência fónica*, dando origem a formas zero (= P3), em contextos onde a concordância verbal requer sufixos verbais P6.

Mota & Vieira (2008) referem que, apesar do PE ser considerado uma língua dotada de morfologia rica, os casos de isomorfismos entre P1 e P3 (P1=P3) são bastantes frequentes nos paradigmas verbais da sua variedade *standard*. A variação interna de marcação de P1 e P3 (com ou sem isomorfismo⁴) estaria assim inscrita no próprio sistema da língua, o que conduz as autoras a considerarem a hipótese desta possibilidade ser alargada a outros contrastes de marcação morfológica de pessoa/número no verbo, designadamente a P3 e a P6. Quando a forma P6 é solicitada em contexto de concordância verbal podem ocorrer duas estratégias: realização de uma forma P3 *não-standard* (marca de plural zero) ou produção de uma variante de P6 *não-standard* (com sufixos distintos dos contemplados pela variedade *standard*). A primeira estratégia acontece com maior frequência quando P3 e P6 apresentam menor *saliência fónica*, e as duas formas se distinguem unicamente pelo traço de nasalidade.⁵ Neste caso, pode ocorrer o que as autoras, baseando-se em dados diacrónicos e em propriedades gerais de outros domínios do sistema, intitulam de concordância não explícita ou *invisível*. De acordo com esta hipótese, esta variante é, assim, integrada no conjunto de padrões de variantes *não-standard* de pessoa/número P6 atestadas na investigação até ao momento realizada no quadro do Projecto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português* (cf. Quadro 1).

4. Os resultados de Mota, Rodrigues & Soalheiro (2003), relacionados com as formas P1 e P3 em dados de PE *não-standard*, fornecem evidências para as duas estratégias (P1 = P3 e P1 ≠ P3). Nos casos em que os falantes operam a diferenciação de pessoa verbal, o padrão mais frequente corresponde a P1, marcação zero e P3 com sufixo em /u/.

5. De salientar a singularidade do estatuto fonológico da nasalidade em português (Bisol 1998), sendo esta propriedade interpretada, de acordo com o modelo de fonologia autosegmental e multilinear, como um autosegmento flutuante que ocorre em fim de sílaba e de morfema, sem estar, no entanto, associado a uma posição esquelética (Mateus & Andrade 2000: 131-132). Assim “as vogais nasais que encontramos em superfície resultam de um processo de expansão ou de espraçamento do segmento nasal fonológico sobre a vogal que o antecede” (Mateus 2006: 174).

Padrões	Variantes não-standard P6	Exemplos
Padrão 1	[-ej] / [-ëj]	<i>já não deitam</i> [ˈdejtɐ̃] <i>tantos, não é?</i> <i>já chamam-se</i> [ˈʃɐmɐ̃js] <i>couves montesinhas</i>
Padrão 2	[-ë]	<i>andam</i> [ˈʒdɐ̃] <i>no campo;</i> <i>eram</i> [ˈɛRɐ̃] <i>os três pés!</i>
Padrão 3	[-o]	<i>e compravam</i> [kɔpRâBo] <i>feijão;</i> <i>tinham</i> [tiŋo] <i>aquelas</i>
Padrão 4	[-ê]	<i>chamam</i> [ˈʃɐmê] <i>as hortas</i> <i>depois eram</i> [ˈɛRê] <i>atadas</i>
Padrão 5	[-i]	<i>dizer que fugiram</i> [fuˈʒiRi] <i>para aí;</i> <i>um combate fizeram</i> [fiˈzɛRi] <i>isto</i>
Padrão 6	Vogal átona desnasalizada	<i>e comiam</i> [kuˈmiɐ̃] <i>todos o almoço;</i> <i>existem</i> [iˈzisʌti̯] <i>nas ribadas</i>

Quadro 1. Padrões não-standard de P6 em PE⁶ (In: Projecto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português)

Os resultados têm mostrado uma tendência para a preferência dos falantes pela marcação diferenciada de pessoas verbais (cf. Quadro 1: Padrões 1 a 5), tal como acontece para P1 e P3,⁷ vindo ao encontro da maior relevância da realização da concordância verbal observada para o PE, quando comparada com o PB.

Com fundamento nos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov & Herzog 1968; Labov 1972, 1994), pretendemos, neste artigo, dar conta da aplicação desta abordagem teórico-metodológica ao fenómeno de concordância sujeito-verbo de P6, a partir de uma amostra de dados de fala de uma variedade insular do PE, extraída do Corpus-Funchal, recentemente organizado.

Após uma apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados no estudo da concordância verbal de P6 realizado na cidade do Funchal (secção 2.), daremos conta dos resultados mais relevantes e da sua discussão (secção 3.). Por fim, formularemos outras hipóteses de análise para o fenómeno em causa, emergentes deste estudo.

6. O conjunto dos sufixos não-standard de P6 atestados em variedades do português falado em regiões situadas no Norte de Portugal, caracterizados por um conjunto de traços conservadores relativamente às formas *standard* e a sua distribuição pelas conjugações e tempos é apresentado em Mota & Vieira (2008: 96-100).

7. Cf. Os seguintes contrastes: P1 "truxe" - P3 "trouxe" (Mota & Vieira 2008: 89).

2. Procedimentos metodológicos

A investigação sociolinguística parte da percepção de que a língua é inerentemente dinâmica, sujeita à mudança, e do pressuposto de que esta variação inerente não é aleatória, mas sim governada por regras. As formas variantes de um determinado fenómeno variável são analisadas a partir da correlação entre os factores internos ao sistema ou linguísticos e os factores externos, extra-linguísticos ou sociais (Mollica & Braga 2003; Chambers 2003).

Em concordância com estes pressupostos básicos, a Sociolinguística tem por orientação ser Quantitativa (Labov 2004; Tagliamonte 2006; Guy & Zilles 2007). Para tal, foram desenvolvidos modelos matemáticos que permitem o tratamento estatístico dos dados linguísticos, para determinar os factores mais importantes na análise da variação. Neste estudo recorremos ao programa computacional Goldvarb 2001 para Windows (Lawrence, Robinson & Tagliamonte 1999). Este programa permite projectar pesos relativos para análises binárias e efectuar a tabulação cruzada de duas variáveis independentes, previamente estabelecidas.

2.1. Variáveis linguísticas e extra-linguísticas

Para além das variáveis sociais clássicas (*sexo, faixa etária e nível de escolaridade* do entrevistado), foram seleccionados as variáveis linguísticas exaustivamente estudadas no âmbito investigação variacionista no PB, Naro & Scherre (2000) e Scherre & Naro (1997, 1998a, 1998b, 2001, 2010), nomeadamente: (i) *posição do sujeito em relação ao verbo*, (ii) *saliência fónica*, (iii) *caracterização semântica do sujeito*, (iv) *tipo de verbo* e (v) *tempo verbal*. A estes cinco factores linguísticos incluímos o factor morfofonológico (vi) *morfologia verbal*. Para tanto, apoiámo-nos numa análise preliminar das transcrições da amostra de fala e considerámos a existência de variantes de P6 já referenciadas em variedades dialectais do PE (cf. Quadro1).

Para a variável *saliência fónica*, utilizámos a tipologia de Mota & Vieira (2008: 90-91), que assenta, para além da manutenção do acento, em propriedades tais como as do traço de nasalidade, característico de P6, e em processos fonético-fonológicos, nomeadamente a ditongação e alterações vocálicas que ocorrem nas VT e nos radicais verbais. Esta tipologia contempla dois níveis: o *nível 1* (grau de oposição singular/plural fraco) que inclui formas verbais P3-P6 em que o acento se mantém, e onde a probabilidade de ocorrer ausência de concordância é maior; o *nível 2* (grau de oposição singular/plural forte), caracterizado por uma maior quantidade de diferenças de material fonético nas formas P3-P6, sendo essas diferenças responsáveis por índices mais elevados de realização da concordância verbal através de propriedades diferenciadas de P3-P6.

Relativamente à variável *tipo de verbo*, e por se tratar de um estudo preliminar, optámos por reter os seguintes factores: verbo *ser*, verbos *inacusativos*, verbo *ter* e outros. A selecção dos verbos *inacusativos* teve como referência a classificação proposta por Duarte (2003:

507-548). No que diz respeito ao verbo *ser*, a escolha dos contextos incidiu sobre as *construções identificacionais*, como em (4) e *apresentativas*, como em (5), exemplificadas em Mota e Vieira (2008: 88):

- (4) a. *a minha principal preocupação são os incêndios*
 b. *a minha principal preocupação é os incêndios*
- (5) a. *são os meus primos que vêm jantar*
 b. *é os meus primos que vêm jantar*

Foram, assim, excluídas da nossa análise as *construções clivadas* que admitem diferentes padrões de concordância.⁸

2.2. Amostra de dados de fala

A amostra seleccionada para análise, a partir dos recursos disponibilizados pelo *Corpus MAD-FNC*,⁹ reúne um conjunto de dados que procura ser o mais representativo da variedade de português falado no Funchal. Respondendo a este critério, foram seleccionados os dados de 16 informantes (de entre 21), todos residentes no Funchal, dos quais 12 nasceram nesta cidade e 4 em localidades situadas na ilha da Madeira (Calheta, Ponta do Sol e Santa Cruz). Os 16 informantes apresentam a seguinte distribuição quando consideradas as variáveis sociais:

- (i) *sexo* (homem: 8 informantes; mulher: 8 informantes);
- (ii) *faixa etária* (faixa A (18-35 anos): 5 informantes; faixa B (36-55 anos): 5 informantes; faixa C (56-75 anos): 6 informantes);

8. De entre este tipo de construções, a *pseudo-clivada invertida-é que* (Duarte 2003 e Lobo 2006), caracteriza-se pela propriedade de não concordância com o constituinte focalizado, como ilustrado em (i):

- (i) a. *os queijos é que os corvos comeram*
 b. **os queijos foi que os corvos comeram*
 c. **os queijos são que os corvos comeram*

9. Com o objectivo de obter dados de fala espontânea, dentro dos parâmetros metodológicos variacionistas, optámos por constituir um corpus próprio: o *Corpus MAD-FNC*. O projecto *Corpus MAD-FNC* teve início em 2010, no âmbito da participação do Projecto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias* (UFRJ (Brasil) e CLUL – I&D – FCT (Portugal)). Uma primeira colecta de dados foi realizada, entre Abril e Junho de 2010, por estudantes do 2.º ano do Curso de Ciências da Cultura da Universidade da Madeira no âmbito da disciplina de Linguística Portuguesa. O *corpus* é constituído por 8h45m de fala, correspondentes a 21 entrevistas gravadas, com uma duração que se situa entre 30 a 45 minutos. Os informantes, residentes na cidade do Funchal, foram seleccionados com base em três dimensões de estratificação social: *sexo*, *faixa etária* e *nível de escolaridade*. As transcrições das gravações encontram-se em fase de revisão.

- (iii) *nível de escolaridade* (nível 1 (analfabetos até ao 1.º Ciclo do Ensino Básico): 4 informantes; nível 2 (2.º e 3.º Ciclo Básico e Secundário): 6 informantes; nível 3 (Superior): 6 informantes).

Assim, para a análise da concordância sujeito-verbo em P6 e o seu tratamento estatístico com recurso ao Goldvarb 2001, foram consideradas, ao todo, 9 variáveis (6 linguísticas e 3 sociais).

3. Resultados

Do total de 1217 dados, registámos 1026 ocorrências de concordância com formas verbais na terceira pessoa do plural (P6) e 191 casos em que a forma verbal não se apresenta na forma morfológica esperada, podendo ocorrer formas verbais P3 ou formas verbais com sufixo de número/pessoa *não-standard* (variantes P6). A estratégia que corresponde à aplicação da regra de concordância verbal de acordo com a variedade *standard* do PE é a mais significativa, correspondendo a 85% do total dos dados (cf. Gráfico 1).

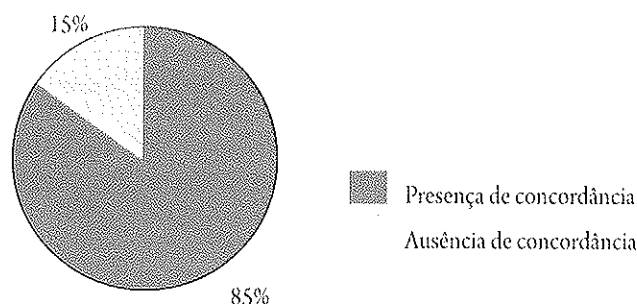


Gráfico 1. Concordância verbal P6 na variedade de português falado no Funchal

Estes resultados apresentam, em termos quantitativos, percentagens mais elevadas de ausência de marca de concordância de P6 no verbo do que as observadas no estudo de Monguilhott (2010¹⁰), no qual a ausência de concordância em P6 se situa nos 8,05% (65 atestações em 807 dados¹¹). Pensamos que estas diferenças poderão estar relacionadas com

10. Resultados com base num corpus organizado pela autora, a partir de entrevistas realizadas a 16 informantes em Lisboa, Belém, Cascais e Sintra.

11. Resultados similares, isto é, 223 atestações em 2520 dados e uma percentagem de 9,05%, foram obtidos por Varejão (2006), no seu estudo sobre a variedade popular do PE a partir de dados dialectais disponibilizados pelo CORDIAL-SIN, com transcrições de entrevistas efectuadas a informantes na sua maioria analfabetos.

o facto de na amostra de Monguilhott não haver dados de informantes de nível 1 de escolaridade. Ora, o estudo desenvolvido no Funchal mostra, como veremos a seguir, ser esta uma das variáveis sociais que mais contribui para a ausência de marcação P6 *standard* no verbo.

3.1. Factores que favorecem a ausência de marca de concordância P6

Dos 9 grupos de factores seleccionados para o presente estudo, e de acordo com os quais foram codificados os dados para serem submetidos ao programa Goldvarb2001, podemos observar os seguintes resultados:

- (i) as variáveis linguísticas significativas que favorecem a ausência de marca de concordância são: (i) *posição do sujeito*, (ii) *tipo semântico do sujeito*, (iii) *saliência fónica*.
- (ii) a única variável social significativa é o *nível de escolaridade* dos informantes.

A Tabela 1 sintetiza estas tendências, apresentando os totais relativos às ocorrências, percentagem e pesos relativos de cada um dos factores referidos e que tendem a favorecer a estratégia de ausência de marca de plural no verbo.

	Factores	Não concordância		Peso Relativo
		Ocorrências / Total	%	
1	<i>Posição do S: VS</i>	73 / 123	59	.82
2	<i>Traço semântico [-humano] de S</i>	92 / 237	38	.71
3	<i>Escolaridade: nível 1</i>	92 / 387	23	.63
4	<i>Saliência fónica: nível 1</i>	139 / 856	16	.57

Tabela 1. Factores significativos na não concordância

Os sujeitos pós-verbais e sujeitos com traço [-hum] assim como formas verbais de saliência fónica de *nível 1* são os factores que mais favorecem a estratégia de ausência de marcação da concordância verbal P6. O nível de escolaridade mais baixo (*nível 1*) também parece condicionar este tipo de estratégia.

O Gráfico 2 permite uma melhor percepção das duas estratégias (concordância verbal com P6 vs “ausência” de concordância *standard*) quando considerados os factores que obtiveram maior índice de peso relativo.

Estes resultados confirmam as tendências apontadas na introdução deste artigo para o PE e estão em relativa consonância com os de Monguilhott (2010) que apresenta algumas variáveis em comum (por esta ordem: *traço [humano]*, *posição do sujeito em relação ao verbo* e *tipo de verbo*), embora com pesos distintos.

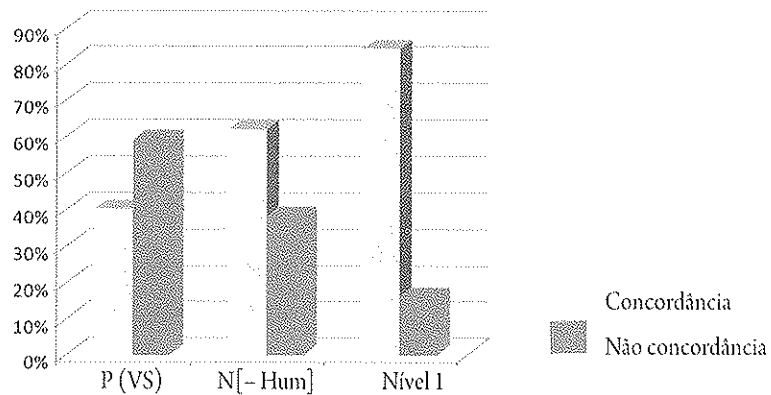


Gráfico 2. Factores e percentagens de concordância vs não concordância verbal P6

3.2. Variáveis linguísticas

Nos pontos seguintes serão estabelecidas várias correlações entre os factores linguísticos de maior peso. Deste cruzamento resulta, como se verá, casos de mais acentuada ausência de concordância verbal *standard* em P6.

3.2.1. Posição do sujeito

De entre os factores que mais efeitos exercem sobre a realização variável da concordância verbal em P6, a *posição pós-verbal do sujeito* é o único que resulta em valores de não concordância superiores aos da concordância (cf. Gráfico 2), atingindo 59% do total dos casos atestados.

Em contextos em que o constituinte sujeito se encontra linearmente depois do verbo e o seu núcleo nominal tem a propriedade [-hum], a probabilidade de o verbo não ser marcado com P6 aumenta, passando de 59% para 68% (cf. Tabela 2).

Variáveis/Factores		Posição de S							
		SV				VS			
		Concordância		Não Concordância		Concordância		Não concordância	
		At. / Total	%	At. / Total	%	At. / Total	%	At. / Total	%
Traço Semântico [humano] N-S	N [- humano]	109 / 144	76	35 / 144	24	24 / 77	31	53 / 77	69
	N [+ humano]	243 / 281	86	38 / 281	14	19 / 37	51	18 / 37	49

Tabela 2. Correlação de variáveis/factores: posição e traço semântico [humano] do sujeito

Os exemplos (6) e (7) ilustram alguns dos resultados obtidos a partir da correlação estabelecida:

- (6) a. coisas_[-hum] *que resolve-se facilmente* (HA3-770)
 b. as pessoas_[+hum] *tem um segundo emprego* (MA3-862)
- (7) a. *era o tony e o josé paulo*_[+hum] (HB2-424)
 b. *o resto era era era brincadeiras*_[-hum] (HB2-425)
 c. *juntava-se os grupos*_[+hum] (MC1-218)

Quando considerados os dois tipos de verbos, *inacusativos* e *ser*, as percentagens de ausência de concordância em P6 aumentam significativamente, tal como suposto. No entanto, os dados retirados da amostra revelam comportamentos distintos, na presença destes dois tipos de verbos.

No contexto em que a pós-posição do sujeito ocorre com verbos *inacusativos*, a não-concordância atinge valores quase categóricos, como revelam os 92% dos casos atestados (cf. Tabela 3).

Variáveis/factores		Tipo de Verbo: <i>Inacusativos</i>			
		Concordância		Não concordância	
		At. / Total	%	At. / Total	%
Posição de S	SV	27 / 35	77	8/35	23
	VS	1 / 12	8	11 / 12	92
Traço Semântico [humano] de N-S	N [- humano]	8 / 17	47	9 / 17	53
	N [+ humano]	13 / 20	65	7 / 20	35

Tabela 3. Correlação de variáveis/factores: posição de S e tipo de verbo (*inacusativos*)

Por outro lado, quando o núcleo do constituinte sujeito é caracterizado, do ponto de vista semântico, como [- humano], a ausência de concordância diminui para 53%. Os exemplos em (8), extraídos da amostra, dão conta da realização da ausência da concordância verbal com verbos *inacusativos* nos contextos referidos:

- (8) a. *aconteceu casos engraçados* (MC1-247)
 b. *saía mais juntos* (MC1-331)
 c. *ela disse quando acabou as aulas* (MB1-10)
 d. *quando chegava os meus primos* (MB1-13)
 e. *e existe aqueles conhecidos por interesse* (MA3-806)
 f. *existe determinados pessoas* (MA3-807)
 g. *acontece essas situações* (MA3-863)

Quando o constituinte sujeito ocorre depois do verbo *ser*, a estratégia mais significativa passa a ser a do uso de formas P3 (*é, era*), conforme ilustrado, em (9), com alguns exemplos extraídos dos dados:

- (9) a. *e acolá é os pratos de cozinha* (MC1-216)
 b. *era só novelas* (MB1-3)
 c. *era era praí dois ou três alunos de cada escola* (HA2-396)
 d. *por exemplo era mais as as mulheres* (HA2-397)
 e. *aqueles vestidos era de chita largos* (MB1-17)
 f. *era essas coisas que eu estranhava* (MC2-598)

Uma síntese dos dados quantitativos é apresentada na Tabela 4, a seguir:

Variáveis/factores		Tipo de verbo: <i>ser</i>			
		Concordância		Não concordância	
		At. / Total	%	At. / Total	%
Posição de S	SV	102 / 128	80	26	20
	VS	45 / 96	47	51	53
Traço Semântico [humano] de N-S	N [- humano]	65 / 119	55	54	45
	N [+ humano]	62 / 86	72	24	28

Tabela 4. Correlação de variáveis / factores: posição de S e tipo de verbo (*ser*)

Em relação aos verbos *inacusativos* (cf. Tabela 3), a ocorrência de formas *não-standard* P3 com o verbo *ser* (cf. Tabela 4) desce para os 54% em contexto VS e situa-se em 45% quando está presente o traço [- humano] no sujeito.

Os dados relativos a estes dois tipos de verbos e das suas construções confirmam, assim, ser a posição não canónica do sujeito (= VS), o factor de maior peso na 'discordância' sujeito-verbo em PE, apresentada no início deste trabalho.

3.2.2. Saliência fónica

Relativamente a esta variável, os dados mostram (cf. Gráfico 2) apenas 16% de ocorrências de ausência de marcação em número da concordância verbal de terceira pessoa, o que corresponde à realização da forma P3.

No entanto, quando é considerada a posição pós-verbal e estabelecida uma correlação entre estas duas variáveis, observa-se que em presença de formas verbais de saliência fónica de *nível 1*, a percentagem de casos de não concordância aumenta, passando para 68%. As formas verbais marcadas com grau de saliência fónica forte, isto é, de *nível 2*, são também

afectados por níveis de ausência de concordância acima dos 50%. Os resultados desta análise são apresentados na Tabela 5.

Variáveis/factores		Posição de S							
		SV				VS			
		Concordância		Não concordância		Concordância		Não concordância	
		At. / Total	%	At. / Total	%	At. / Total	%	At. / Total	%
Saliência	Nível 1	392 / 462	85	70 / 462	15	18 / 57	32	39 / 57	68
Fónica	Nível 2	152 / 198	90	16 / 198	10	32 / 66	48	34 / 66	52

Tabela 5. Correlação de Variáveis/factores: posição de S e saliência fónica do verbo

Apresentam-se, em (10), alguns exemplos com o verbo *ter* e, em (11), com outros verbos:

- (10) a. *os pais tem que controlar os filhos* (HA1-64)
 b. *e as empresas não tem condições* (HC3-1020)
 d. *os outros tinha as costas quentes* (MC2-708)
 e. *houve crianças as que tinha mais dinheiro* (MC3-1145)
- (11) a. *estes quadros representa a vida antiga* (HC1-175)
 b. *as mulheres assujeitava-se a muita coisa* (MC1-232)
 c. *[eles] saía mais juntos* (MC1-331)
 d. *os cá de fora que se lixe* (MC2-599)
 e. *coisas que resolve-se facilmente* (HA3-770)
 f. *estas festas temáticas no mundo rural obriga-nos* (HB3-878)

Os exemplos (10) e (11) mostram diversos casos de isomorfismo na marcação morfológica de pessoa/número no verbo. Nos casos em que o tempo verbal corresponde ao Presente do Indicativo, encontramos formas isomórficas $P3 = P6$ (*tem, representa, resolve-se*, etc.); no caso em que está em causa o Pretérito Imperfeito do Indicativo, o isomorfismo estende-se a $P1 = P3 = P6$ (*tinha, saía*, etc.). Por outro lado, assinala-se ainda o facto da forma verbal *tinha*, em (10c-d) e das formas verbais destacadas em (11) se integrarem no Padrão 6 das variantes de $P6$ não-standard referido na introdução (cf. Quadro 1).

A interpretação destes dados como se tratando de concordância *invisível* e não como ausência de concordância, exige, em nosso entender, uma análise exaustiva de maiores quantidades de dados empíricos. Uma das hipóteses a considerar consistirá em verificar se estes casos de isomorfismo correspondem a maiores índices de realização do constituinte sujeito nominal ou pronominal referencial (cf. Mota & Vieira 2008). Se tal correlação viesse a ser confirmada como uma tendência na variedade insular do PE, circunstância também

apontada por Martins (2003) para quem pode estar em causa «o debilitamento das propriedades de sujeito nulo nestes dialectos (identicamente ao que tem sido observado para o português do Brasil)», poderíamos considerar estar em jogo um processo de maior complexidade, envolvendo mudança linguística, para a qual contribuiriam outros aspectos do sistema, para além dos processos morfofonológicos.

3.3. Formas morfológicas não-standard: variantes de P6

Apesar da morfologia verbal não ter sido seleccionada pelo Goldvarb como uma variável relevante para o fenómeno da concordância verbal, foram atestados dois tipos de variantes P6, uma com o sufixo [-3j)] (35 atestações) e outra com o sufixo [-u] (6 atestações), ambas já referenciadas em outras variedades dialectais do PE (cf. Quadro 1), embora com diferenças quanto à sua distribuição por paradigmas verbais. A primeira das duas variantes, em [-3j)], encontra-se em dois paradigmas verbais: Presente do Indicativo (cf. (12)) e Pretérito Imperfeito do Indicativo (cf. (13)):

- (12) a. *agora já usem azeite* (MC2-642)
 b. *que eles á que levem o dinheiro* (MC2-652)
 c. *lá eles não se importem* (MC2-666)
 d. *os próprios portugueses massacrem os outros* (MC2-711)
- (13) a. *ele e a minha avó deus do céu eles erem* (MB1-37)
 b. *tanto é qu'as minhas primas elas diziem* (MB1-38)
 c. *quando elas vinhem, à nossa casa* (MB1-39)
 e. *eles me chamavam madeirense de segunda* (MC2-720)
 f. *já as coisas erem diferente* (MC2-722)
 g. *levavam logo a resposta* (MC2-723)

No caso do Presente do Indicativo, em (12), as ocorrências correspondem a verbos com VT /a/ e foram produzidas por um único informante, do sexo feminino, com idade superior a 56 anos e nível de escolaridade 2.

Os dados relativos ao uso desta variante com o Pretérito Imperfeito, em (13), dizem respeito a dois informantes com níveis de escolaridade e faixas etárias distintas. Neste paradigma verbal, o sufixo de P6 apresenta assim maior difusão, uma vez que o seu uso, não estando limitado a um único informante, alarga-se a verbos não só com VT /a/, como àqueles que contêm VT /e/ e VT /i/.

Na consulta feita aos dados disponibilizados pelo CORDIAL – SIN verificámos que o uso da variante em [-3j)] está também atestado em outras localidades da Ilha da Madeira e não unicamente na cidade do Funchal, como ilustrado nos exemplos em (14):

- (14) a. INF1 *já vem fugindo do vento! 'Tavem três pessoas [...]* CLO2-C
 b. INF1 *não podiem mesmo – Meu pai Os meus pais não podiem mesmo dar-me a escola [...]* CLC12-C

Quanto à variante *não-standard* em [-u] de P6, as ocorrências dizem respeito unicamente ao paradigma do Pretérito Imperfeito do Indicativo. Em (15), apresentam-se alguns exemplos:

- (15) a. *quando os meus pais moravo na casa* (MB1-2)
 b. *eles estava a saltar à corda e à pilhage* (MB1-18)
 c. *eles vinho brincar* (MB1-19)

Nos dados apresentados por Mota & Vieira, e de que se faz referência neste artigo (cf. nota 6), o sufixo [-ʒj]) está atestado em variedades do Minho, como sufixo de P6 do Presente do Indicativo, em todas as conjugações (com VT/a/, VT/e/ e VT/i/). Nestas variedades, o sufixo [-u], para além de ocorrer como variante P3 do Pretérito Perfeito (ele) *estevo* [-ʃS'teBu], corresponde a realizações P6 nos Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do Indicativo. A comparação com estes dados, confirma a relevância das atestações destes sufixos conservadores, como demonstrado pelas autoras, na amostra analisada do português falado no Funchal.

As duas formas *não-standard* de P6 foram observadas nos dados relativos a 5 informantes (num total de 16), 2 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, nas três faixas etárias consideradas. Os 3 informantes do sexo feminino viveram fora da ilha da Madeira, em Jersey e na África do Sul, por períodos que vão dos 7 aos 28 anos. Destaca-se, por outro lado, que estas variantes não foram encontradas em informantes cultos, o que nos leva a considerar que o seu uso poderá estar fortemente condicionado pelo nível de escolaridade.

3.4. Variáveis sociais: o nível de escolaridade dos informantes

Os resultados globais, quando ponderada a variável nível de escolaridade, mostram uma maior incidência de ocorrências de não concordância em falantes com *nível 1 de escolaridade*. Para os falantes pertencentes a este grupo social, foram encontrados 92 casos de não concordância, num total de 387 dados, correspondendo a 23%, valor que constitui quase o dobro das percentagens obtidas em cada um dos outros grupos (nível 2 e 3 de escolaridade). O nível de escolaridade tem sido investigado (Votre 2003: 51-58), como um dos factores responsáveis pela maior incidência de usos de variantes *não-standard* e da não realização da concordância verbal. O nosso estudo permitiu confirmar esta hipótese. Os valores obtidos (cf. Tabela 6) são tanto mais significativos quanto eles correspondem a uma certa assimetria na colecta dos dados. Com efeito, os resultados totais dizem respeito a 4 informantes com nível de escolaridade 1 e a 6 informantes para cada um dos outros dois níveis (2 e 3).

Nível Escolaridade	Concordância		Não Concordância		Peso Relativo
	At. / Total	%	At. / Total	%	
Nível 1	295 / 387	76	92 / 387	24	.63
Nível 2	298 / 337	88	39 / 337	12	.43
Nível 3	433 / 496	87	60 / 496	13	.44

Tabela 6 Concordância verbal P6 e nível de escolaridade

A estratégia de não concordância com sujeitos pós-verbais é quase categórica quando se trata de falantes de nível de escolaridade baixa. As ocorrências deste tipo representam 84% dos dados totais para os informantes de *nível 1 de escolaridade*, o que contrasta com os 37% fornecidos por informantes cultos, com *nível 3 de escolaridade* (cf. Gráfico 3).

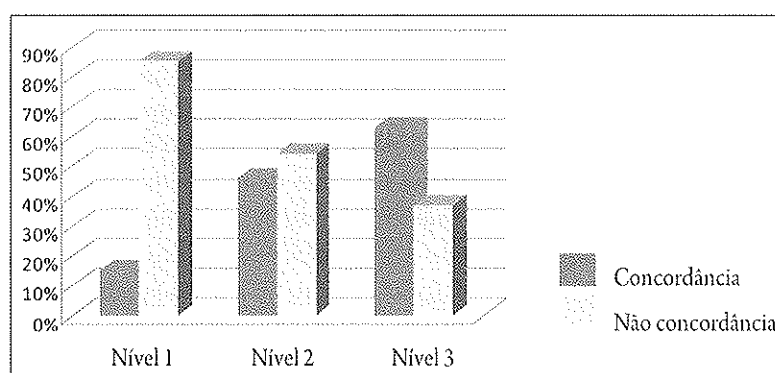


Gráfico 3. Concordância verbal P6 e nível de escolaridade dos informantes

4. Considerações finais

Em síntese, os resultados confirmam as tendências apresentadas inicialmente para o PE, no qual o fenómeno da realização variável da concordância verbal de P6 não se afigura tão saliente como na variedade do PB, mostrando a relevância de factores linguísticos (ordem VS, traço *semântico* [– humano] do núcleo do SN-sujeito, *tipo de verbo* e *saliência fónica*) e de factores sociais (*níveis de escolaridade* dos informantes) para o fenómeno em estudo. Em relação à variável *saliência fónica*, merece particular atenção os casos em que ocorrem isomorfismos, resultantes da perda do traço de nasalidade de formas verbais P6, e a possibilidade destes estarem relacionados com tendência para a realização de sujeitos nulos nesta variedade do PE, aproximando-a, assim, do PB.

É também significativa a existência de variantes *não-standard* de P6 na variedade falada no Funchal, igualmente atestadas em outras variedades dialectais do PE. Para além da necessidade de prosseguir a investigação através da colecta de dados de fala, não só no Funchal,

como também noutras localidades da Ilha da Madeira, e de proceder à sua análise de acordo com a metodologia variacionista, julgamos essencial o aprofundar de uma série de outras questões, designadamente a análise das variantes *não-standard* P6 e dos processos morfofonológicos subjacentes.

Por outro lado, uma vez que as variantes *não-standard* foram já referenciadas para outras variedades do PE, julgamos pertinente encarar a hipótese da sua presença poder estar relacionada com factores sócio-históricos, e de processos decorrentes de situações de contacto linguístico. Chambers (2000) afirma que numa situação em que pessoas de diferentes regiões estão em contacto podem ser observadas várias diferenças nas suas falas e que esta "mescla" é reconhecida como uma força na mudança linguística. Num estudo desenvolvido em 1994, incluiu na sua investigação as figuras do *nativo* vs *não-nativo*. Procurou implementar mecanismos que pudessem agrupar os *não-nativos* de modo a poder compará-los com os *nativos*, criando a variável *Índice de Regionalidade*, a partir de dados obtidos através da realização do questionário *Topografia de Dialecto*. Cada informante recebeu um *index score* de 1 a 7, correspondendo 1 a um informante *nativo* autêntico, que nasceu, foi criado e vive na região, e 7, considerado o autêntico *não-nativo*, ou seja, aquele que vive na região, mas que nasceu e foi criado fora. Este *Índice de Regionalidade* permite, assim, obter uma medida bruta dos vínculos do falante a uma região e observar, de modo mais rigoroso, os efeitos sociolinguísticos da mobilidade na variedade falada num determinado espaço.

Atendendo a que a Madeira é, desde o seu povoamento, palco de migrações (Vieira 2008), a inclusão de uma variável extra-linguística deste tipo, apoiada num conjunto sólido de dados sócio-históricos relativos aos diferentes movimentos migratórios, desde os descobridores insulares aos diferentes cenários de contacto linguístico resultantes de emigrações, regressos e imigrações, permitirá configurar o perfil sociolinguístico associado às variantes P6. Nesta perspectiva, uma outra linha de desenvolvimento a considerar seria a de incluir a dimensão *geolinguística* (Britain 2004: 34-48; Williams 2004: 130-145; Auer 2010), atendendo às características físicas do espaço insular e ponderar, por exemplo, as condições de difusão das variantes *standard* e *não-standard* de P6 do PE peninsular neste espaço, bem como a análise das situações de contacto linguístico a que foram submetidas ao longo do tempo.

Referências

- Auer, Peter & Jürgen Erich Schmidt (eds.) (2010). *Language and Space. An International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1 - *Theories and Methods*. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- Bisol, Leda (1998). A Nasalidade, um Velho Tema. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada* 14. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300004
- Britain, David (2004). Geolinguistics. Diffusion of Language. In: Ulrich Ammon, Norbert Dittmar, Klaus J. Mattheier & Peter Trudgill (eds.), *HSK Sociolinguistics/Sociolinguistik*, Vol. 1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 34-48.

- Carrilho, Ernestina (2003). Ainda a unidade e diversidade da língua portuguesa: a sintaxe. In: Ivo Castro & Inês Duarte (orgs.), *Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 19-41.
- Chambers, J. K. (2000). Region and language variation. *English World-Wide* 21: 1-31.
- Chambers, J.K., Peter Trudgill & Natalie Schilling-Estes (eds.) (2003). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Costa, João & M. Cristina Figueiredo (2006). Notas sobre a concordância verbal e nominal em português. *Estudos Linguísticos* XXXV: 95-109.
- Costa, João (2001). Postverbal subjects and agreement in unaccusative contexts in European Portuguese. *The Linguistic Review* 18: 1-17.
- Duarte, Inês (2003a). A família das construções inacusativas. In: M. Helena Mira Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa*. 5.^a ed. Lisboa: Caminho, 507-548.
- Duarte, Inês (2003b). Construções de Clivagem. In: M. Helena Mira Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa*. 5.^a ed. Lisboa: Caminho, 585-694.
- Guy, Gregory R. & Ana Zilles (2007). *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola.
- Labov, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Labov, William (1994). *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, Vol. 1. Oxford: Blackwell Publishing.
- Labov, William (2004). Quantitative Analysis of Linguistic Variation. In: Ulrich Ammon, Norbert Dittmar, Klaus J. Mattheier & Peter Trudgill (eds.), *HSK Sociolinguistics/Sociolinguistik*, Vol 1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 6-21.
- Lawrence, Helen, Robinsosn, John, & Sali Tagliamonte, S. (2001). *Goldvarb 2001. A multivariate analysis application for Windows. User's manual*. Disponível em: <http://courses.essex.ac.uk/lg/lg654/GoldVarb2001forPCmanual.html>
- Lobo, Maria (2006). Assimetrias em Construções de Clivagem do Português: Movimento vs. Geração na Base. *XXI Encontro Nacional da APL Textos seleccionados*. Lisboa: APL, 457-473.
- Martins, Ana Maria (2003). Construções com se: Mudança e variação no português europeu. In: Ivo Castro & Inês Duarte (orgs.), *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 163-178.
- Mateus, Maria Helena Mira (2006). Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa. *Estudos da Língua(gem)* 3: 159-180.
- Mateus, M. Helena Mira & Ernesto Andrade (2001). *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Mollica, Maria Cecília & Maria Luiza Braga (2003). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto.
- Monguillott, Isabel de Oliveira e Silva (2010). Variação na Concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE. *Anais do IX Encontro do CELSUL*. Universidade do Sul de Santa Catarina. In: http://www.celsul.org.br/Encontros/09_index.htm#1
- Mota, Maria Antónia & Sílvia Rodrigues Vieira (2008). Contrastando variedades do português brasileiro e europeu: padrões de concordância sujeito-verbo. In: C. A. Gonçalves e M. L. Leitão de Almeida (orgs.), *Língua portuguesa. Identidade, Difusão e Variabilidade*. UFRJ: Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 87-113.
- Mota, Maria Antónia, Rodrigues, Maria Celeste & Elisabete Soalheiro (2003). Padrões Flexionais nos pronomes pessoais em PE falado setentrional. In: Ivo Castro & Inês Duarte (orgs.), *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 129-156.

- Naro, Anthony J. & M. Marta Pereira Scherre (2000). Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: John McWhorter (ed.), *Language Change and Language Contact in Pidgins and Creoles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, V. 21, 235-255.
- Naro, Anthony J. & M. Marta Pereira Scherre (2007). *As origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- Paiva, Maria da Conceição & M. Marta Pereira Scherre (1999). Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, V. 15, N. Especial, 201-232.
- Peres, João & Telmo Mória (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Scherre, M. Marta Pereira & Naro, Anthony J. (2000). Garimpando as origens estruturais do português brasileiro. *Congresso internacional – 500 anos de Língua Portuguesa no Brasil*. Universidade de Évora, Évora (8 a 13 de Maio de 2000). Disponível em: http://www.marcosbagnio.com.br/site2/conteudo/arquivos/for_scherre_naro.html
- Scherre, M. Marta Pereira & Anthony J. Naro (2001). Passado e presente na concordância de número em português: evidências do português europeu moderno. *II Encontro de Estudos Diacrônicos do Português (II EDiP) UNESP*. Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara (29 a 31 de agosto de 2001).
- Scherre, M. Marta Pereira & Anthony J. Naro (1997). A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: Dermeval da Hora (org.), *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 93-114.
- Scherre, M. Marta Pereira & Anthony J. Naro (1998a). Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum linguístico. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Pós-graduação em Linguística*. Florianópolis: Imprensa Universitária 1: 45-71.
- Scherre, M. Marta Pereira & Anthony J. Naro (1998b). Sobre a concordância de número no português falado no Brasil. In: Giovanni Ruffino (org.), *Dialettologia, geolinguística. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza)* Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5: 509-523.
- Scherre, M. Marta Pereira, Anthony J. Naro & Caroline R. Cardoso (2007). O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* 23, 283-317.
- Scherre, M. Marta Pereira & Anthony J. Naro (2010). Perceptual vs. Grammatical Constraints and Social Factors in Subject-Verb Agreement in Brazilian Portuguese. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*. (Philadelphia, Online) 16.2, 165-171. Disponível em: <http://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1157&context=wpwl>
- Tagliamonte, Sali A. (2006). *Analysing Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Varejão, Filomena (2006). *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*. Dissertação de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Vieira, Alberto (2008). Madeira – Um cais de permanentes chegadas e partidas. Funchal. CEHA – Biblioteca Digital. Disponível em: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/bdigital/avieira/2008-av-miga.pdf>
- Votre, Sebastião J. (2003). Relevância da variável escolaridade In: Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (2003), *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 51-58.
- Weinreich, Uriel, Labov, William & Marvin Herzog (1968). Empirical foundations for a theory of language change. In: W. P. Lehmann e Y. Malkeil (eds.), *Directions for historical linguistics: A symposium*. Austin: University of Texas Press, 95-188.
- Williams, Colin H. (2004). The Geography of Language. In: Ulrich Ammon, Norbert Dittmar, Klaus J. Mattheier & Peter Trudgill (eds.), *HSK Sociolinguistics/Sociolinguistik*, Vol I. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 130-145.